

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

JÚLIA NARCISO KAWAMATA PIQUET

**ESTUDO SOBRE O ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO NO TESTE DE
RORSCHACH**

**SÃO PAULO
2022**

JÚLIA NARCISO KAWAMATA PIQUET

**ESTUDO SOBRE O ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO NO TESTE DE
RORSCHACH**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Camargo Batistuzzo.

SÃO PAULO

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Marcelo, que além de orientar, me ajudou imensamente na escolha do tema e no desenvolvimento da pesquisa, e com quem venho aprendendo e desenvolvendo o gosto pela pesquisa e por Rorschach há quase dois anos.

À professora Regina Sonia Gattas Fernandes do Nascimento (*In memoriam*) que também teve papel fundamental no meu interesse pelo tema, e indiretamente também contribuiu para essa pesquisa.

À Ana Resende, autora dos estudos que utilizei como base e que me auxiliou com muita prontidão em uma parte fundamental da pesquisa.

À minha parecerista, professora Rita Rosa, a primeira a contribuir pelo meu gosto pelo teste de Rorschach através de suas aulas.

Agradeço imensamente a meus pais, Rita, Cide e Luiz, responsáveis por tudo que sou hoje, e por todo seu apoio à minha graduação, sem vocês nada disso seria possível e por isso sou eternamente grata. Também ao meu avô Ivens, que muito me ajudou e me acolheu.

À todos os meus amigos que de uma forma ou de outra sempre estiveram presentes e me deram apoio, mas especialmente à Nina, que além da amizade infinita é minha parceira também de discussões acadêmicas e sempre esteve disposta a me ajudar, e incentivar - além de revisar meus trabalhos aqui e acolá.

À Catharina que me foi companhia nesse ano inteiro, e rapidamente se tornou uma grande amizade.

Ao Lucas, por me acompanhar sempre tão de perto e ser meu amparo.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 5 |
| 1.1. Os testes Psicológicos | 5 |
| 1.2. Rorschach e o Sistema de Avaliação por Performance | 7 |
| 1.3. Desenvolvimento | 9 |
| 1.3.1. O Índice de Desenvolvimento do Rorschach | 11 |
| 1.4. Justificativa | 14 |
| 2. Objetivos | 15 |
| 2.1. Hipótese | 15 |
| 3. MÉTODO | 16 |
| 3.1 Participantes e desenho de estudo | 16 |
| 3.2. Instrumentos: | 16 |
| 3.3. Análise Estatística | 19 |
| 4. RESULTADOS | 21 |
| 4.1. ESTUDO 1 | 21 |
| 4.2 ESTUDO 2 | 23 |
| 5. DISCUSSÃO | 28 |
| 6. CONCLUSÃO | 31 |
| 7. REFERÊNCIAS | 32 |

RESUMO

O teste de Rorschach é um instrumento que possibilita o acesso às vivências internas e os conflitos do sujeito, viabilizando investigação da percepção e da personalidade. Em 2013 pesquisadores conceberam um novo índice do teste, no qual estão inclusas variáveis que se relacionam ao desenvolvimento em suas várias facetas: cognitiva, emocional, social... A presente pesquisa teve como objetivo geral uma ampla investigação do Índice de Desenvolvimento (ID) do teste de Rorschach, buscando realizar a sua validação em amostras brasileiras, e três objetivos específicos, divididos em estudos com duas amostras diferentes: uma de adolescentes e a outra de adultos. Foi verificada a correlação entre o ID e a idade cronológica na amostra de jovens, e na de adultos. Também foi analisada a correlação entre o ID e o resultado de testes de inteligência. A análise estatística demonstrou que o ID se correlacionou com a idade cronológica em crianças e jovens, mas não com os adultos, replicando assim os achados dos trabalhos consultados sobre o tema. A segunda análise, com os testes de inteligência, teve resultados positivos apenas com um dos subtestes da escala de inteligência, o cubos. Embora esses resultados sejam iguais aos achados nos estudos anteriores, as magnitudes foram diferentes, o que possivelmente pode ser explicado por diferenças amostrais.

Palavras-chave: Rorschach, Índice de Desenvolvimento, Inteligência

1. INTRODUÇÃO

1.1. Os testes Psicológicos

Como um possível meio de investigação das atividades psíquicas e do comportamento humano, temos os testes psicológicos, que são variadas práticas que permitem a obtenção de informações sobre o indivíduo e ajudam “através da análise das respostas produzidas por um sujeito, estabelecer o seu perfil psicológico em termos de capacidade e de traços da personalidade” (MONTEIRO, 2015, p. 2). Os testes são basicamente divididos em psicométricos, expressivos e projetivos, e serão explicados a seguir.

Os testes psicométricos são aqueles que medem alguma habilidade mental ou capacidade cognitiva - como inteligência e aptidão - são, portanto, quantitativos, mais objetivos e empíricos, e considerados de caráter mais científico (FORMIGA, 2000). Na segunda metade do século XIX a psicologia sofreu grandes influências do avanço dos estudos biológicos - fisiologia, anatomia, genética - e se afastou um pouco da filosofia, se tornando mais experimental. Nesse cenário, em 1884 Sir Francis Galton ao estudar hereditariedade e inteligência, usa testes psicológicos objetivos em larga escala (VALENTE, 2016). Sua técnica estatística é posteriormente aperfeiçoada por Pearson e Spearman, cujas contribuições utilizamos amplamente até hoje. Ainda na trilha de Galton temos Wilhelm Wundt, que fundou em 1879 na Alemanha o primeiro centro de psicologia experimental, e também tem profundo impacto na inauguração do uso de testes psicométricos (ARAUJO, 2009).

Os testes expressivos, por sua vez, partem da concepção de que diante de uma mesma situação as pessoas apresentam comportamentos diferentes - o estilo pessoal de cada um. Esses comportamentos expressivos são, em grande parte, não verbais, como expressões faciais ou corporais, e também as produções gráficas, como a escrita ou desenho. O estilo único das grafias é muito conhecido a partir dos diferentes grandes artistas, cada um com suas cores e estilos de traçados únicos, que remetem a características da personalidade de cada indivíduo. Assim os testes expressivos são aqueles nos quais a personalidade é explorada pela análise de uma produção, a execução de uma tarefa (ELY, NUNES & CARVALHO, 2014). Para esclarecer, cabe ressaltar que os testes projetivos (explicados a seguir) são também

expressivos, mas nem todo expressivo é projetivo (PINTO, 2014). Como exemplo de um teste expressivo, temos o Teste Palográfico, no qual a velocidade da produção, a uniformidade, a distância entre os palos e a inclinação destes são avaliados. Segundo Lima e colaboradores:

sua aplicação permite, por meio da integração dos resultados quantitativos com os dados qualitativos, investigar algumas características da personalidade tais como produtividade e ritmo de trabalho, relacionamento interpessoal, autoconceito, agressividade, impulsividade, energia, introversão, extroversão, iniciativa, organização, emotividade, entre outras" (LIMA et al., 2017, p. 85).

A classificação de métodos projetivos foi nomeada assim por Lawrence K. Frank em 1939, referindo-se a vários materiais e técnicas "utilizadas como meios de acesso às vivências internas, aos conflitos e desejos do sujeito" e que "ofereciam acesso ao mundo dos sentidos, significados, padrões e sentimentos, revelando aquilo que o sujeito não pode ou não quer dizer, frequentemente por não se conhecer bem" (PINTO, 2014, p. 136). Assim, os testes projetivos têm de comum natureza o uso de estímulos vagos e indefinidos, que permitem a projeção de conteúdos internos e atribuição de sentidos. Projeção é um termo derivado da Psicanálise freudiana, que tem por base o processo de deslocamento das representações internas para o externo, tomando-as como se fossem qualidades do objeto externo quando na verdade são conteúdos internos do próprio sujeito, ainda que ele não os reconheça como seus (LAPLANCHE & PONTALIS, 1999).

Um dos testes projetivos mais estudados e utilizados mundialmente é o Teste de Rorschach, desenvolvido pelo psiquiatra alemão Hermann Rorschach e publicado em 1921 (NASCIMENTO & SEMER, 2018). O teste é composto por 10 pranchas, cada uma com borrões de tinta, branco e preto ou coloridos, que formam imagens ambíguas. As pranchas são apresentadas uma a uma ao sujeito, que deve responder à tarefa do teste, explicando o que vê ali (MONTEIRO, 2015). Assim, o Teste de Rorschach é um dos grandes exemplos e precursores dos testes projetivos pois "na medida em que os estímulos pouco ou nada estruturados são apresentados diante

do sujeito sua resposta é sempre projetiva, reveladora de sua maneira particular de ver a situação, de sentir e interpretar” (FORMIGA, 2000, n.p).

Portanto, o Teste de Rorschach serve como instrumento de investigação da personalidade na medida em que as respostas dadas permitem a análise do processo de elaboração das mesmas, possibilitando “observar características como acuidade perceptiva, convencionalidade, contato com a realidade, estilo de enfrentamento das situações, processos cognitivos de tradução de informação e formação do pensamento, bem como representação de si e do outro” (PIANOWSKI, 2017, p. 20). Nele, a projeção se dá pela utilização de imagens e conteúdos individuais, pessoalmente significativos na elaboração das respostas dadas.

1.2. Rorschach e o Sistema de Avaliação por Performance

O Teste de Rorschach foi inicialmente chamado de Psicodiagnóstico (Rorschach, 1921), menos de um ano após sua publicação, em 1922, Herman Rorschach, o autor do teste, faleceu, deixando o material carente de maiores investigações e continuidade. Porém rapidamente o teste se difundiu pelo mundo, fazendo com que ele fosse tema de estudo de diversos pesquisadores, que ocuparam-se de sua sistematização (NASCIMENTO & SEMER, 2018). Alguns sistemas de classificação e interpretação foram criados para o teste de Rorschach: Samuel Beck publicou sua primeira e grande pesquisa de sistematização do Rorschach em 1932, depois sucessivamente os autores Marguerite Hertz, Bruno Klopfer e Zigmunt Piotrowski foram publicando suas versões (NASCIMENTO & SEMER, 2018). John Exner Jr., um psicólogo norte americano foi um desses investigadores que se debruçou sobre o trabalho de Rorschach e publicou, em 1974, a primeira versão do Sistema Compreensivo (SC), fruto de um estudo de comparações e compilações de codificações dos principais sistemas utilizados até então. O SC foi sendo atualizado ao longo do tempo, com edições modificadas e ampliadas em 1986, 1993, 2003 e 2005 (NASCIMENTO & SEMER, 2018). Apesar da morte de Exner em 2006, o SC está atualmente sendo reeditado para uma nova versão, o SC-R, que sairá em breve (CARSTAIRS, 2022). Embora o SC de Exner seja o sistema mais amplamente utilizado na clínica por conta de seu aprimoramento; ainda assim, tem lacunas e fraquezas. Por exemplo, a grande variabilidade no número

de respostas entre os sujeitos, que influencia diretamente no resultado de outras variáveis, gerando maiores índices apenas pelo maior número de respostas (PIANOWSKI, 2017).

Em 2013, alguns autores (Mihura, Meyer, Dumitrascu e Bombel) fizeram um importante estudo sobre a validade do SC, um tipo específico de revisão quantitativa da literatura, chamada de meta-análise, analisando cada uma das 65 variáveis do SC: encontram resultados positivos para 85% (a maioria) delas, sendo que dois terços dessas variáveis indicaram pelo menos uma validade satisfatória para sua interpretação (NASCIMENTO & SEMER, 2018). Baseado nessa meta-análise, um novo sistema de codificação e interpretação foi desenvolvido: o *Rorschach Performance Assessment System* (R-PAS; Meyer, Viglione, Mihura, Erard, & Erdberg, 2011; traduzido como Sistema de Avaliação por Desempenho, e publicado no Brasil em 2017, pela Editora Hogrefe). O R-PAS selecionou do SC apenas aquelas variáveis com algum grau de evidência científica, e

“surgiu como derivação às pesquisas realizadas com o SC (Exner, 2003), e foi organizado visando o aprimoramento e calibração dos padrões de aplicação, codificação e interpretação do Teste de Rorschach, de acordo com os resultados evidenciados nos estudos” (PIANOWSKI 2017, p.19)

No R-PAS, as respostas dos sujeitos são codificadas em unidades mensuráveis - as variáveis, que se agrupam em quatro unidades temáticas: Engajamento e Processamento Cognitivo, Problemas de Percepção e Pensamento, Stress e Distress e Percepção de Si e Outros (MIGUEL & SILVA, 2017). Para além destas, os comportamentos emitidos pelo respondente durante o teste também são considerados em sua avaliação, diferentemente do SC, que faz isso de maneira qualitativa apenas (PIANOWSKI, 2017). Por exemplo, as interações com os cartões são codificadas, se o sujeito vira a prancha para olhar de outros ângulos, mesmo que retorne o cartão à posição inicial e de a resposta com ele no "sentido original", esse comportamento é codificado.

As mudanças deste novo sistema “visam à redução do prejuízo nas propriedades psicométricas atrelado à variabilidade do número de respostas (R), fazer uso de evidências de validade para organização dos indicadores interpretativos, melhorar a precisão na codificação, bem como disponibilizar referencial normativo internacional” (PIANOWSKI 2017, p. 21). Uma das medidas instauradas no R-PAS, diretamente relacionada à questão da variabilidade de respostas, é o conjunto de variáveis *Pull* e *Push* (puxar e empurrar): a instrução do teste diz explicitamente ao sujeito para tentar dar duas, ou talvez três respostas diferentes em cada prancha. Assim, após a terceira resposta, se o sujeito demonstra que vai continuar, o examinador “puxa” (*pull*) a prancha para evitar a quarta resposta. Da mesma forma, se o sujeito não dá nenhuma resposta, ou apenas uma, ele é incentivado a continuar (*push*), a fim de que os protocolos sejam mais homogêneos no número de respostas.

1.3. Desenvolvimento

O desenvolvimento humano é uma grande área de estudo das ciências. Por ser multidimensional, possui várias linhas e teorias, englobando aspectos biológicos, cognitivos, afetivos e sociais (MOTA, 2005). No estudo do desenvolvimento cognitivo temos diversas teorias sobre a natureza da inteligência, sendo a mais recente a teoria das capacidades cognitivas de Cattell-Horn-Carroll, uma integração das principais teorias sobre o assunto (PRIMI, 2003).

Charles Spearman, no início do século XX postulou uma teoria bi-fatorial, assumindo que haveria um fator de inteligência geral (fator g), e outros fatores específicos (fatores s). Outra teoria da época era a de Louis Thurstone, que negava a existência de um fator único, afirmando que havia múltiplos fatores diferentes (aptidões básicas ou primárias) como a espacial (fator S), a numérica (fator N), ou a memória (fator M) (SCHELINI, 2006).

Em 1942, Raymond Cattell propôs, ao analisar correlações entre os dois modelos (de Spearman e Thurstone), a existência de dois fatores gerais: a inteligência fluida (Gf) e a cristalizada (Gc). Esta ideia foi aprimorada posteriormente por um de seus alunos, John Horn. Nesta teoria, a Gf estaria envolvida em operações mentais de resolução de tarefas novas, não incluídas previamente no repertório da pessoa e

que tampouco dependem de conhecimentos previamente adquiridos. É um tipo de inteligência que seria mais determinado por aspectos biológicos, conseqüentemente, menos por aspectos culturais (SCHELINI, 2006). Ela opera em tarefas que exigem "a formação e o reconhecimento de conceitos, a identificação de relações complexas, a compreensão de implicações e a realização de inferências" (SCHELINI, 2006, p. 324). Já a Gc é um tipo de inteligência dependente do aprendizado e de experiências culturais/educacionais. Portanto, tende a aumentar ao longo da vida. De acordo com Cattell, no início da vida Gf e Gc estariam aproximadamente relacionadas, e começariam a divergir mais para frente no desenvolvimento, na adolescência.

Horn desenvolveu, para além desses dois tipos de inteligências, mais oito fatores gerais que, juntos, compõem o conjunto das dez capacidades gerais. Tais habilidades se associam aos domínios da linguagem, raciocínio, memória, percepção visual, recepção auditiva, produção de idéias, velocidade cognitiva, conhecimento e rendimento acadêmico (PRIMI, 2003).

Em 1993, John B. Carrol publicou um estudo no qual agrupou mais de 460 conjuntos de dados contendo quase todos os estudos sobre inteligência existentes e os re-analisa, e o produto final é a Teoria das três camadas, modelo que dispõe as capacidades intelectuais em três estratos, o mais alto sendo um fator único, uma associação geral entre todas as capacidades cognitivas (como o g de Spearman), na segunda camada as 10 capacidades amplas (ou gerais) de Horn, e a última camada contém aproximadamente 70 fatores específicos, que subdivide os 10 amplos (SCHELINI, 2006).

Além da cognitiva, a inteligência emocional tem sido campo de estudos mais recentes. Algumas concepções antigas dizem que as funções cognitivas ocorreriam numa espécie de "vácuo afetivo", e que as emoções atrapalham o raciocínio, trazendo falta de clareza, numa concepção antitética entre razão-emoção. Estudos mais recentes embasados principalmente na neurociência trazem que as emoções têm efeitos importantes na adaptação e na cognição, fato que as teorias psicológicas a mais tempo já afirmavam, por considerar os processos (e assim também o desenvolvimento) como integração de vários fatores, o afetivo entre eles (PRIMI, 2003).

Diferentes modelos psicológicos tratam sobre essa relação, temos como exemplo 3 teóricos do século XX: Piaget, Vygotsky e Freud.

Vygotsky (1896-1934) propõe que a razão teria controle sobre as emoções mais primitivas, por via de instrumentos culturais adquiridos, como a linguagem. Em seus estudos ele aborda o desenvolvimento, na infância, de "funções superiores", tais como memória, percepção, imaginação, vontade e pensamento - que considera, juntamente com a sensação, uma atividade primária, que é guiada por uma necessidade de satisfação, assim como qualquer outra atividade no início da infância (SOUZA, 2011).

Piaget (1896 - 1980) é um autor clássico que postou sobre os estágios do desenvolvimento. Para ele os primeiros sentimentos da criança são ligados às sensações e necessidades fisiológicas, são sentimentos de agrado ou desagradado, decorrentes das ações no mundo e da percepção destes. Então, não são impulsionados pela satisfação, como para Vygotsky (e Freud, que relaciona ao princípio do prazer como veremos mais à frente). Assim o desenvolvimento da aprendizagem está diretamente ligado aos estímulos que o ambiente oferece e como o organismo se adapta aos mesmos (SCHIRMANN, MIRANDA, GOMES & ZARTH, 2019).

Já em Freud, os afetos estão sempre a serviço do princípio do prazer, isto é, guiados pela necessidade de satisfação. Já a inteligência seria uma função do ego (uma das três instâncias psíquicas, junto ao id e o superego), articulada a capacidade de síntese e aos mecanismos de defesa contra a angústia. mas mantém essa posição de "função de", não tendo papel crucial na dinâmica entre o ego, a realidade, os impulsos do id e as pressões do superego. Assim a teoria freudiana aparece como uma teoria dos impulsos, muito mais do que uma teoria da inteligência ou do funcionamento mental consciente (SOUZA, 2011).

1.3.1. O Índice de Desenvolvimento do Rorschach

A maturação psicológica é mais rápida e mais perceptível no começo da infância, onde um período de 6 meses pode acarretar mudanças psicológicas, emocionais, cognitivas e de habilidades sociais importantes (STANFIL, VIGLIONE &

RESENDE, 2013). Conforme o desenvolvimento caminha para a idade adulta, essas mudanças psicológicas abrandam, até por volta da idade de 25 anos, quando o desenvolvimento já se deu por completo (STANFIL, VIGLIONE & RESENDE, 2013).

A idade é utilizada para especificar o estado médio de desenvolvimento esperado em cada faixa etária, uma vez que mudanças são esperadas com o passar dos anos em vários domínios de funcionamento: cognitivo, emocional, psicológico. São esperadas, porém, grandes diferenças individuais entre crianças, e um progresso desigual ao longo do tempo, por exemplo desenvolvendo-se mais rapidamente em uma faixa etária, e diminuindo o ritmo em outra. A "imaturidade", assim, "refere-se ao desenvolvimento incompleto (...) ou desenvolvimento atrasado" (GRISSE, 2005, p. 18), que pode ser constatado quando uma criança de uma determinada idade ainda não apresenta as evoluções desenvolvimentais esperadas para essa faixa etária.

É conhecida, há bastante tempo, a capacidade de se apreender a evolução do desenvolvimento a partir do teste de Rorschach assim como a utilidade do teste em avaliar déficits cognitivos e emocionais em adultos e em crianças. Pesquisadores da área há muito já reconhecem que crianças e adolescentes produzem respostas e escores substancialmente diferentes de adultos (RESENDE, VIGLIONE, MARTINS & YAZIGI, 2017). Entre amostras de crianças, foi encontrada maior variabilidade de respostas entre as variáveis, enquanto amostras de adolescentes aproximaram-se das expectativas normativas de respostas de adultos em cada variável. A diferença entre as crianças (5 anos) foi atribuída a diferenças de desenvolvimento individual entre estes jovens (AMES et al., 1974). A partir das comparações entre crianças mais novas e mais velhas, os pesquisadores concluíram que a variação individual era muito diferente até aos 11 ou 12 anos de idade, quando parece acontecer um aumento das "características de individualidade" e uma diminuição das "características de desenvolvimento" (AMES et al., 1971). Surgindo assim nessa mudança entre fases, características de personalidade mais distintas.

Conforme o indivíduo envelhece, as respostas ao teste de Rorschach se tornam mais complexas, elaboradas e sofisticadas, demonstrando também um incremento cognitivo. Estudos (principalmente com o SC), mostram que as respostas de indivíduos mais novos trazem percepções mais simples, superficiais e estereotipadas do mundo. Assim como maior reatividade emocional, impulsividade, e

menores recursos psicológicos. As respostas de indivíduos de maiores idades tendem a ser mais homogêneas entre si, havendo similaridades de tendência mesmo em contextos culturais diferentes (RESENDE, VIGLIONE, MARTINS & YAZIGI, 2017).

Os autores Stanfil, Viglione e Resende, em 2013, publicaram um estudo de validação inicial de um índice que mede o desenvolvimento, do início da infância ao início da vida adulta. O índice permitiria a comparação entre o desenvolvimento psicológico e a idade cronológica, possibilitando a identificação de imaturidade ou precocidade. Ainda, permitiria pôr em teste a teoria de que imaturidade está relacionada a alguma psicopatologia e problemas de adaptação.

No processo de criação desse índice (nomeado Índice de Desenvolvimento, ID), foram identificadas 27 variáveis do Teste de Rorschach que denotam maturidade ou imaturidade em sua interpretação, ou seja, aquelas que "faziam presumir variações no decorrer do desenvolvimento" (NASCIMENTO & SEMER, 2018, p. 12). Depois de uma análise de regressão múltipla em uma grande amostra não clínica de crianças e adolescentes foram selecionadas 12 variáveis necessárias para construção de um índice com a finalidade de prever a idade. Por fim, este índice foi validado em um grupo clínico para saber se também poderia ser aplicado à um grupo de crianças que apresentam sintomas psicopatológicos e transtornos psiquiátricos. A correlação final entre idade e o índice de desenvolvimento foi significativa com um tamanho de efeito médio ($r = 0,40$). A diferença do índice entre adultos ($n = 233$, idade média = 30,9, desvio-padrão, DP = 9,38) e crianças ($n = 277$, idade média = 11,7, DP = 4,9) também foi significativa ($t = 12,9$, p -valor $< 0,0005$) com um grande tamanho de efeito. Assim, o índice de desenvolvimento é um índice composto por diversas variáveis associado com a idade cronológica e que se correlaciona com o desenvolvimento. Há versões deste índice tanto para o SC quanto para o R-PAS (RESENDE, VIGLIONE, MARTINS & YAZIGI, 2017).

O ID abrange uma variedade de dimensões psicológicas e de desenvolvimento. Também é associado à resolução de problemas, tolerância ao stress, habilidades cognitivas e psicopatologias (STANFIL, VIGLIONE & RESENDE, 2013). As variáveis incluídas nele sugerem que o desenvolvimento é associado com o aumento da complexidade e envolvimento do processamento de informações (F%); habilidade cognitiva relacionada ao julgamento, planejamento e tomada de decisões

a longo prazo [FQ-% e FQ+% (no R-PAS, no entanto, não há o FQ+, apenas o FQo, então para esse sistema a variável utilizada é a FQo%)]; ideação experimentada como em vez de originar-se do observador, incidindo sobre ele externamente, como se fora de seu controle, que pode indicar estados de tensão mental ou agitação (m); percepção e internalização de influências emocionais sutis (T e V); habilidade de ter perspectiva em uma situação (FD e V); processamento de informações referenciado pelo self, e portado de maneira autocentrada (r); e sensibilização para questões e tópicos condizentes com temas mais maduros (como conteúdo An, Sx, art).

1.4. Justificativa

O ID é consideravelmente novo (tendo sido criado em 2013), havendo poucos trabalhos sobre o mesmo, ainda hoje. Os trabalhos existentes apontam uma necessidade de se estudar o ID com diferentes amostras e em diferentes culturas, já que são em sua maioria aplicados em crianças americanas.

Também é pouco expressiva a quantidade de trabalhos com Rorschach que utilizam o Sistema de Avaliação por Performance (R-PAS) no Brasil, dada a sua recente publicação. Desta forma, a presente pesquisa pode contribuir com estas duas lacunas do campo.

2. Objetivos

Geral:

A presente pesquisa tem como objetivo principal uma investigação mais ampla do Índice de Desenvolvimento (ID) do Rorschach, buscando realizar a validação do índice em diferentes amostras brasileiras.

Específicos:

A pesquisa tem três objetivos específicos, divididos em estudos com duas amostras diferentes: estudo 1, objetivo 1) verificar se o ID se correlaciona com idade cronológica em um banco de dados de crianças e adolescentes, idades de 13 a 18 anos, do Estado de São Paulo; estudo 2, objetivo 2) verificar, em uma amostra de adultos com 18 anos ou mais, sem nenhuma questão de saúde mental, se há a correlação entre ID e idade e estudo 2, objetivo 3) verificar a relação do ID com medidas de inteligência por meio de sua correlação com os resultados de testes neuro cognitivos.

2.1. Hipótese

A hipótese para o objetivo 1 é a de que o ID, como verificado nos estudos de validade feitos até então, se correlacionará com a idade cronológica, replicando os trabalhos consultados (STANFIL et al., 2013; GEROMINI et al., 2014; RESENDE et al., 2017). Estes são em sua maioria, com amostras de crianças e adolescentes. Portanto, também será testada a correlação entre ID e idade em uma amostra com participantes saudáveis adultos. Para essa análise a hipótese é de que não haverá correlação positiva, assim como no estudo inicial de Stanfil, Viglione e Resende (objetivo 2).

Por fim, a hipótese para o terceiro objetivo é de que o ID se correlacionará, em adultos, com as medidas neuropsicológicas de habilidades cognitivas medidas por meio dos testes WASI e WAIS-III, uma vez que este índice avalia a maturação cognitiva e aponta para maiores recursos psíquicos/cognitivos.

3. MÉTODO

3.1 Participantes e desenho de estudo

Como já dito, a pesquisa tem três objetivos, que serão analisados em 2 amostras distintas.

A primeira amostra, que compõe o estudo 1, é composta por 118 jovens de 13 a 17 anos, não pacientes (e sem histórico de tratamento psicológico ou psiquiátrico), de escolas públicas (49) e privadas (69) de São Paulo Neles, foi aplicado o teste de Rorschach em um encontro, conjuntamente com uma breve entrevista. As aplicações ocorreram em diferentes locais, como nas próprias escolas, ou às vezes na própria residência dos participantes, mas sempre mantendo os critérios necessários para uma boa aplicação: local silencioso e privado, boa iluminação e ventilação, e organização prévia do material. O teste de Rorschach foi aplicado, nessa amostra, pelo Sistema Compreensivo.

A segunda amostra, do estudo 2, é composta por 50 adultos (acima de 18 anos), sem histórico de transtornos de aprendizagem, transtornos psiquiátricos ou transtornos neurológicos. Este foi um estudo de corte transversal, no qual os sujeitos foram avaliados em apenas um encontro, composto por uma breve entrevista clínica, e uma longa avaliação composta pelo teste de Rorschach e dois testes de inteligência, o WASI e o WAIS. Intervalos foram realizados para que os sujeitos descansassem ao longo da avaliação e, caso o avaliador identificasse que o cansaço estava interferindo demasiadamente no desempenho do sujeito e na qualidade das respostas, um novo encontro, em outro dia, seria marcado. Apesar disso, as avaliações de um mesmo participante não tiveram um intervalo maior do que uma semana. As avaliações não foram recompensadas com dinheiro, e o sistema utilizado aqui foi o R-PAS.

3.2. Instrumentos:

O R-PAS gera diversas variáveis e índices (MIGUEL & SILVA, 2017). Dentre os mais de 150 itens possíveis, como já dito previamente, o Índice de Desenvolvimento é composto por 11, são eles:

1) qualidade formal (FQ) é uma variável que reflete o quão bem o objeto se ajusta a uma determinada localização e o quão frequentemente é identificado. Pode variar entre: ordinária (o), respostas acuradas e comuns; incomuns (u) respostas pouco frequentes e tipicamente menos precisas, mas não grosseiramente inconsistentes com os contornos da mancha; menos (-), respostas pouco frequentes e sem acurácia, distorcidas ou arbitrarias (i.é. malvistas). De FQ- para FQu e FQo ocorre um contínuo crescente de acurácia e frequência (MIGUEL & SILVA, 2017). Assim a porcentagem de FQ- refere-se a percepções não acuradas. Ela capta a má interpretação ou distorção da realidade, assim pode ser considerado uma medida indicativa de psicoses.

2) e FQo por sua vez indica a tendência de ver o mundo como os outros veem, e comportamentalmente pode ser tida como uma medida de convencionalidade.

3) (F) refere-se às respostas sem outros determinantes além da forma pura. Pode ser interpretado como indicativo de complexidade psicológica. Há, por exemplo, associação entre F% com QI e nível de educação. Um protocolo com F% alto também pode implicar falta de engajamento com o teste, já que F é codificado quando mais nenhum determinante é;

4) (m) é movimento inanimado, tipicamente codificado em fenômenos naturais, é relacionado à tensão interna, ou stress, apesar de não estar relacionado à ansiedade auto-relatada;

5) a variável Vista (V) refere-se a respostas que se usam de sombras para criar um efeito tridimensional. O processo envolvido nessa resposta diz sobre um esforço cognitivo e desenvolvimental que possibilita o uso de pequenos detalhes e distinções da imagem para criar perspectiva, transformando uma imagem bi-dimensional em tri. Dados indicam que não é uma variável costumeira antes da adolescência, daí sua inclusão no ID;

6) (T) envolve respostas nas quais os sombreamentos da imagem são percebidos como texturas. A descrição de texturas é pensada como sendo uma demonstração de interesse no toque e experiências físicas, e assim, proximidade com outrem, demonstrando interesses interpessoais;

7) Forma Dimensão envolve a percepção de tridimensionalidade baseada apenas nos contornos da forma, em vez do sombreado (como a Vista citada acima). Relaciona-se à capacidade de tomar perspectiva e à percepção baseada em diferentes quadros de referência (diferentes pontos de vista);

8) (r) são respostas nas quais são vistos reflexos (imagens refletidas em uma superfície espelhada). Algumas pesquisas indicam que é uma variável ligada a egocentrismo e narcisismo. São respostas que podem indicar uma alta autoestima e um processamento de informações referenciado pelo self;

9) An são respostas com conteúdos de anatomia, vistos ou diretamente ou por aparelhos de imagem médica, como raio-x e ultrassons. As pesquisas sobre esse tipo de respostas indicam preocupações corporais, visto que a elevação dessa variável é encontrada em grupos como de pessoas com histórico de abuso sexual, trauma, ou pessoas com lesões físicas graves. Tradicionalmente essa variável também é interpretada como relacionada a certa vulnerabilidade psicológica;

10) e 11) as respostas com conteúdo relacionado a sexo (Sx) podem ser consideradas, quando junto a outros conteúdos, como um conteúdo crítico. Isso pois pode indicar psicopatologias ou talvez uma falha na censura do pensamento. O Sx nesse contexto, porém, junto com o conteúdo Art (obras de arte, ornamentos, objetos decorativos) pode ser considerado como indicativo de percepção de temas mais maduros.

Além do R-PAS, os instrumentos neuropsicológicos que são o foco dessa pesquisa são: a escala de inteligência Wechsler abreviada (WASI) completo, e dois subtestes do WAIS-III: Compreensão e Aritmética.

A eficiência intelectual geral será avaliada pela Escala Wechsler Abreviada de Inteligência (WASI) (WECHSLER, 1999), adaptada para a população brasileira por Trentini e Yates (2014). Esse teste é composto por quatro subtestes: dois que avaliam a capacidade verbal (QI verbal) e dois que avaliam a capacidade não verbal dos indivíduos (QI execução). Dentre as suas medidas, estão: o subteste de vocabulário, considerado uma das melhores medidas de inteligência cristalizada (inteligência resultante e influenciada pelo conhecimento acumulado ao longo da vida); os subtestes Cubos e Matrizes, que compõem o QI de execução e estão mais relacionados à inteligência fluida, ou seja, à rapidez e à exatidão do raciocínio abstrato

– especialmente para novos problemas; e o subteste de semelhanças, uma excelente medida verbal da capacidade de abstração, ou seja, da habilidade em relacionar dois itens que aparentemente não têm ligação entre si – processo fundamental para avaliação da eficiência intelectual. Portanto, além de resultar nos escores escalonados de QI global estimado, QI verbal e QI execução (todos em relação à idade do sujeito) também será analisada a pontuação bruta em cada um dos subtestes separadamente.

Além da WASI, será aplicado o subteste Compreensão, da WAIS-III (E. Nascimento, 2005) que tem por finalidade examinar a capacidade de compreensão dos comportamentos de natureza social. As questões solicitam respostas originadas em experiências comumente vividas pelos indivíduos em suas relações sociais. Referem-se ao cotidiano da pessoa e são boas indicadoras da sua capacidade de reconhecer as normas, valores e regras de conduta social (capacidade de juízo/vivência social). O desempenho do teste reflete a conformidade com normas socioculturais e quanto o sujeito se beneficiou das oportunidades educacionais. E o subteste Aritmética, que avalia a habilidade em manipular conceitos abstratos de números.

3.3. Análise Estatística

A análise estatística dos dois estudos (e três objetivos) seguiu o mesmo padrão, descrito a seguir: as estatísticas descritivas foram feitas com média, desvio-padrão, mínimo e máximo. Antes da realização da estatística inferencial, foram testadas as distribuições de cada uma das variáveis, por meio do teste de Shapiro-Wilk. Quando as variáveis apresentavam uma distribuição próxima à normal, foi utilizada a correlação de Pearson; já para os dados que não apresentaram distribuição próxima à normal foi utilizada a correlação não-paramétrica de Spearman. Foram utilizadas correlações bivariadas unicaudais dada a hipótese, a priori, de correlação positiva entre as variáveis (1- idade e DI; 2- DI e testes cognitivos). O valor de alpha considerado foi de 0,05.

Dois softwares estatísticos foram utilizados para fazer a análise: o JAMOVI (Versão 2.3, 2022) e o RStudio (versão 1.0.143, 2016). Sobre as correlações, elas

podem apresentar diferentes tamanhos de magnitude, refletidos pelos coeficientes de correlação: $\leq 0,3$ é fraca; $\cong 0,5$ é média e $\geq 0,7$, alta. No caso, das análises deste estudo: 1) como achados prévios na literatura encontraram uma correlação entre idade e índice de desenvolvimento, espera-se encontrar uma associação positiva entre essas variáveis (STANFIL et al., 2013; GEROMINI et al., 2014; RESENDE et al., 2017) e 2) como foram examinados dois tipos de testes muito diferentes (um teste de desempenho típico e outros de desempenho máximo) esperava-se que as correlações obtidas fossem da ordem de 0,3-0,4, como indicam estudos prévios da literatura (Beus & Whitman, 2012; Charek et al., 2018).

4. RESULTADOS

4.1. ESTUDO 1

4.1.1. Características demográficas

A amostra do estudo 1 foi composta por 118 participantes adolescentes entre 13,1 e 17,0 anos, com uma idade média de 15,7 anos. 54,2% destes são meninas (Tabela 1). A maioria tem pele branca (75,4%) e frequenta escolas particulares (58,5%).

Tabela 1. dados demográficos

| | Gênero | | Etnia | | | | Escola | |
|-----------|--------|-------|--------|-------|----------|--------|---------|------------|
| | Fem. | Masc. | Branco | Negro | Asiático | Outros | Pública | Particular |
| Contagens | 64 | 54 | 89 | 11 | 2 | 16 | 49 | 69 |
| Total | 54,2% | 45,8% | 75,4% | 9,3% | 1,7% | 13,6% | 41,5% | 58,5% |

4.1.2 Estatísticas descritivas e testes de normalidade

O ID médio calculado para a amostra foi de 16,8, com o mínimo de 10,4 e o máximo de 26,4 (Tabela 2). Em relação a distribuição, ambas as variáveis (ID e idade) apresentaram uma tendência à normalidade (p-valores > 0.05), portanto, nesta análise foram utilizados testes paramétricos (correlação de Pearson). Ver figura 1 para a distribuição das duas variáveis.

Tabela 2 - Estatística Descritiva

| | ID (n = 118) | Idade (n = 118) |
|-------------------|--------------|-----------------|
| Média | 16.8 | 15.7 |
| Mediana | 16.6 | 15.7 |
| Desvio-padrão | 3.03 | 1.19 |
| Mínimo | 10.4 | 13.1 |
| Máximo | 26.4 | 18.0 |
| W de Shapiro-Wilk | 0.978 | 0.978 |
| p Shapiro-Wilk | 0.053 | 0.050 |

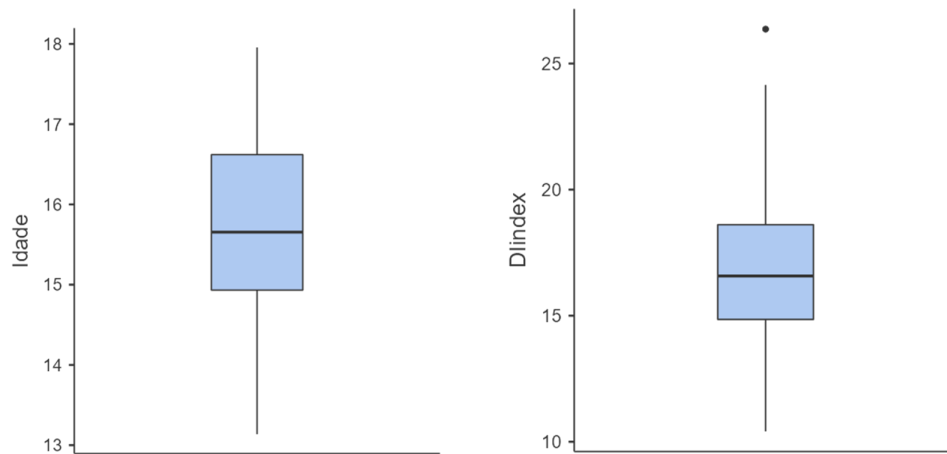


Figura 1. Boxplots da distribuição da idade (esq.) e Id (dir.)

4.1.3 Correlação entre idade e DI

Ao correlacionar o ID com a idade cronológica, temos um coeficiente de 0,181 (p -valor = 0,025), demonstrando uma associação fraca, porém significativa (ou seja com pouca possibilidade de ser um falso positivo) (Figura 2).

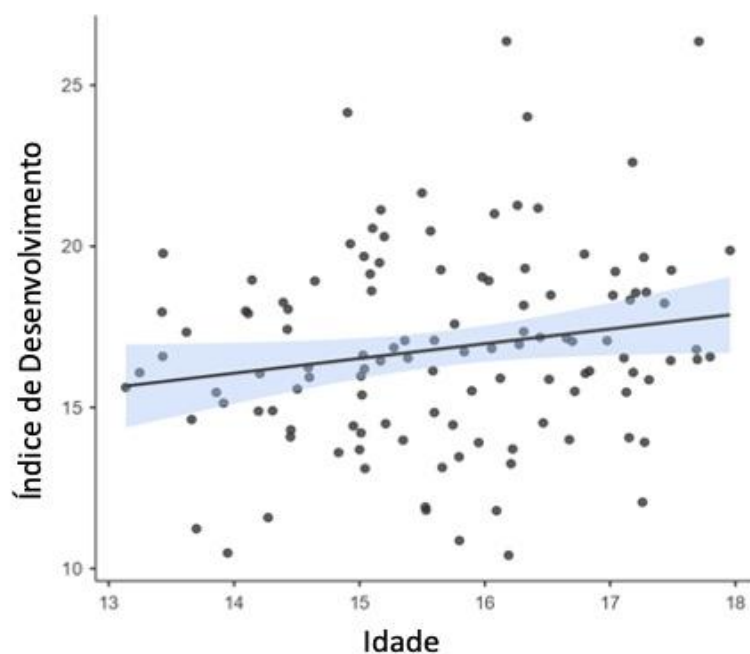


Figura 2. Gráfico de dispersão da associação entre as variáveis idade e índice de desenvolvimento.

4.2 ESTUDO 2

4.2.1 Características demográficas

A segunda amostra (N = 50), cujo critério de inclusão era 18 anos ou mais, teve grande variabilidade de idade, de 19 a 72 anos, mas a maior concentração se deu na casa dos 20 e poucos anos (Figura 2), com uma média de 34,5 anos.

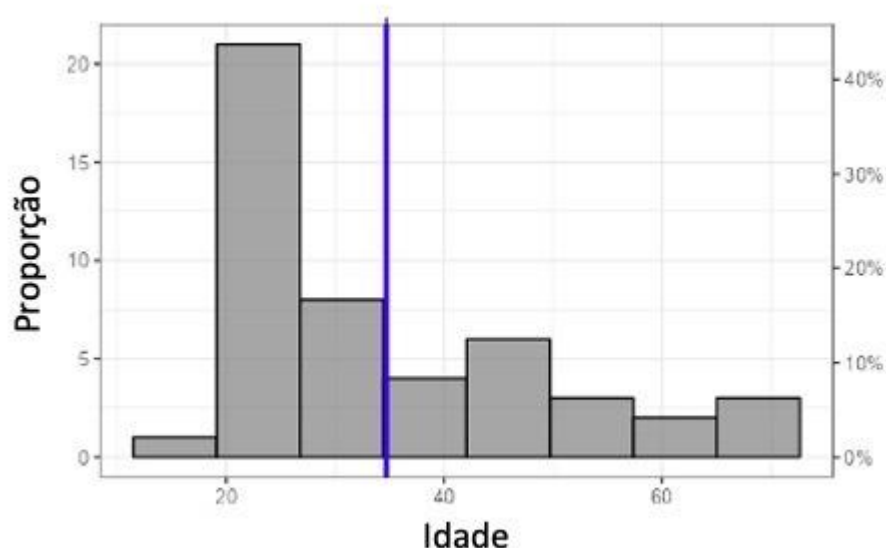


Figura 3. Histograma com a distribuição da idade para a amostra 2.

A amostra foi composta de 28 mulheres (56%) e 22 homens (44%) e os participantes eram majoritariamente brancos (76,7%) (Tabela 3).

Tabela 3 - Frequências de Etnia

| Etnia | Contagens | % do Total | % acumulada |
|----------|-----------|------------|-------------|
| Branca | 35 | 77.8 % | 77.8 % |
| Negra | 3 | 6.7 % | 84.4 % |
| Asiática | 1 | 2.2 % | 86.7 % |
| Parda | 5 | 11.1 % | 97.8 % |
| Amarela | 1 | 2.2 % | 100.0 % |

Sobre o grau de instrução, o grupo mais numeroso era o dos com ensino superior completo (N= 18), 40% do total da amostra, seguido de Ensino Superior Incompleto (N= 11), como vemos na tabela abaixo (Tabela 4).

Tabela 4 - Frequências de Escolaridade

| Escolaridade | Contagens | % do Total | % acumulada |
|-------------------------------|------------------|-------------------|--------------------|
| Ensino Superior Completo | 18 | 40.0 % | 40.0 % |
| Pós-graduação | 3 | 6.7 % | 46.7 % |
| Ensino Superior Incompleto | 11 | 24.4 % | 71.1 % |
| Mestrado | 1 | 2.2 % | 73.3 % |
| Ensino Fundamental Incompleto | 1 | 2.2 % | 75.6 % |
| Pós-graduação Completa | 6 | 13.3 % | 88.9 % |
| Ensino Médio Completo | 3 | 6.7 % | 95.6 % |
| Pós-graduação Incompleta | 2 | 4.4 % | 100.0 % |

4.2.2 Estatísticas descritivas e testes de normalidade

Nessa amostra o ID médio foi de 18,2, sendo o mínimo 11,7 e o máximo 24,3. Estes e todos os outros valores referentes aos testes aplicados podem ser encontrados na tabela 5 abaixo. Apenas para destacar, o QI médio da amostra foi de 108, com desvio de 15,2.

Tabela 5 - Estatística Descritiva das variáveis do estudo

| | Idade | ID | Vocabulário EscoreT | Semelhan ças EscoreT | Cubos Escore T | RacMat r Escore T | Compren são Ponderado | Aritiméti ca Pondera do | QI Total |
|--------------------------|------------|-------|------------------------|----------------------------|----------------------|----------------------------|-----------------------------|----------------------------------|----------|
| N | 50 | 50 | 50 | 50 | 50 | 50 | 49 | 48 | 50 |
| Média | 35.4 | 18.2 | 53.9 | 54.9 | 51.4 | 56.8 | 12.5 | 12.6 | 108 |
| Mediana | 30.0 | 18.3 | 55.0 | 56.0 | 52.0 | 58.0 | 12 | 13.0 | 109 |
| Desvio- padrão | 14.5 | 3.16 | 10.0 | 10.2 | 9.28 | 9.82 | 2.38 | 2.88 | 15.2 |
| Mínimo | 19.0 | 11.7 | 37.0 | 37.0 | 32.0 | 31.0 | 9 | 7 | 74.0 |
| Máximo | 72.0 | 24.3 | 73.0 | 73.0 | 69.0 | 77.0 | 21 | 17 | 137 |
| W de Shapiro- Wilk | 0.869 | 0.977 | 0.949 | 0.938 | 0.977 | 0.982 | 0.927 | 0.924 | 0.979 |
| p Shapiro- Wilk | < .00 1 | 0.433 | 0.030 | 0.011 | 0.433 | 0.643 | 0.005 | 0.004 | 0.495 |

Em relação à distribuição, as variáveis ID, escore de cubos, e também o QI apresentaram uma distribuição próxima à normal (Figura 4, p-valores > 0,05), entretanto a idade, o Vocabulário, Semelhanças, Compreensão e Aritmética não apresentaram distribuição normal (p-valores < 0,05), portanto, nesta análise foram utilizados testes paramétricos (correlação de Pearson) e não-paramétricos (correlação de Spearman)

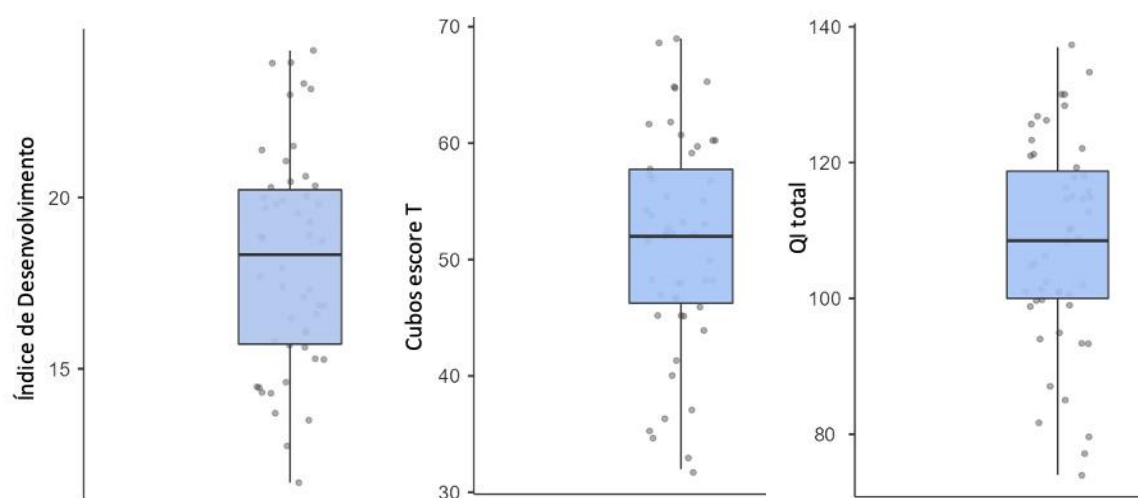


Figura 4. Boxplots com a distribuição dos escores do teste ID, do cubos e do QI total.

4.2.3 Correlação entre idade e ID

O mesmo procedimento utilizado na amostra do estudo 1 foi aplicado na amostra do estudo 2. O ID foi calculado e correlacionado à idade cronológica. O resultado foi um coeficiente de Pearson ($r = 0,097$) e um p -valor = $0,503$, o que indicou não haver relação entre as duas variáveis na amostra de adultos.

4.2.4 Correlação entre ID e testes neuropsicológicos

A seguir, a correlação entre o ID obtido da amostra de adultos e os resultados dos testes das escalas de inteligência foi testada. O único subteste que demonstrou correlação com o ID foi o cubos, com um $r = 0,278$ e p -valor = $0,025$. Todas as outras correlações não ultrapassaram o limiar de significância estatística adotado podem ser visualizadas na tabela abaixo (Tabela 6). Entretanto, cabe destacar o QI total, que apresentou uma tendência à significância (p -valor = $0,083$), mas não atingiu o limiar estatístico adotado (Tabela 6).

Tabela 6 - Correlação entre o ID e os subtestes das escalas de inteligência

| | R de Pearson | p-valor |
|-------------------------------|--------------|---------|
| Vocabulário Escore T | 0.140 | 0.167 |
| Raciocínio Matricial Escore T | 0.098 | 0.248 |
| Semelhanças Escore T | 0.138 | 0.169 |
| Cubos Escore T | 0.278 | 0.025 |
| Compreensão Ponderado | 0.078 | 0.296 |
| Aritmética Ponderado | 0.176 | 0.116 |
| QI Total | 0.199 | 0.083 |

A correlação positiva entre o escore do teste cubos e o ID pode ser vista abaixo (Figura 5).

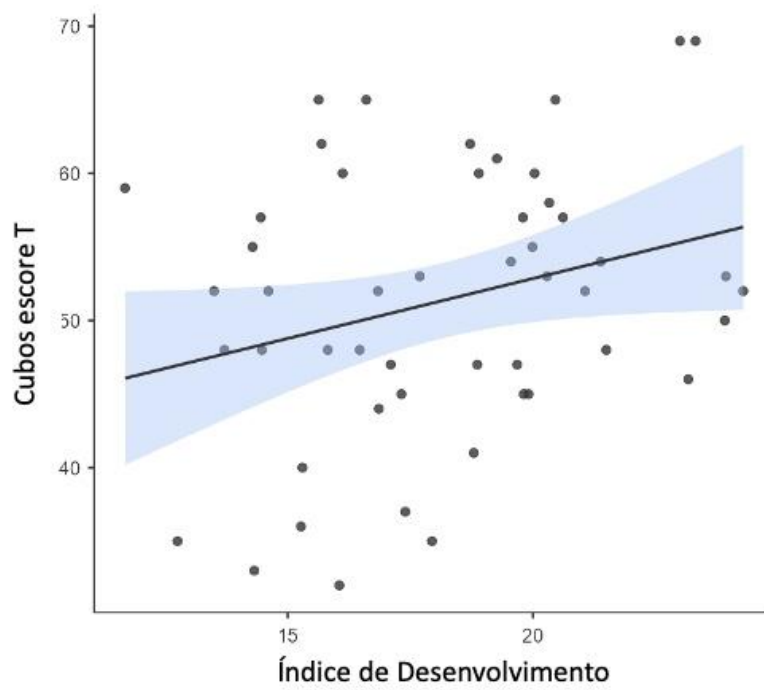


Figura 5. Gráfico da correlação positiva entre ID e escore do teste Cubos

5. DISCUSSÃO

O estudo 1 objetivou testar a relação entre o Índice de Desenvolvimento (ID) e a idade cronológica, com o intuito de replicar os achados originais. Para isso foi utilizada uma amostra de jovens adolescentes, como a maioria dos estudos com o ID. Os resultados indicaram uma correlação existente, ainda que fraca, acrescentando robustez à literatura da área, com mais uma evidência de que o índice está sim relacionado à aspectos do desenvolvimento.

No estudo de Stanfil, Viglione e Resende, de criação e primeira validação do ID (2013) os resultados encontrados apontam que: 1) o ID foi altamente correlacionado com a classificação etária para aqueles com 25 anos ou menos ($r = 0,76$, p -valor $< 0,0005$) e 2) fracamente associado aos critérios de idade e classificação etária no subgrupo com mais de 25 anos ($r = 0,11$, p -valor = $0,10$).

Assim temos que essa pesquisa, embora tenha encontrado correlação de diferente grandeza, replica a pesquisa inicial ao constatar correlação entre a idade e o ID no estudo 1 (com amostra de jovens), assim como a ausência da correlação no estudo 2 (para a amostra de adultos).

Há de se prestar atenção, porém, para o fato de na pesquisa inicial, tanto a variabilidade quanto a amplitude de idades ter sido maior, indo até os 25 anos. Ainda, em nossa amostra de adultos consideramos adultos aqueles acima dos 18 anos, enquanto no estudo original apenas os 25+ foram considerados, pelo desenvolvimento cognitivo já estar completo acima dessa idade. Esse fato pode explicar as diferentes magnitudes de correlação (estudo original $r = 0,76$ e no nosso estudo 1 $r = 0,181$).

O fato de o ID acompanhar a idade até aproximadamente os 25 anos demonstra que ele avalia a maturação do processamento psicológico e das capacidades cognitivas, em vez de variar simplesmente em função de idade, o que é explicado pelo rápido avanço no desenvolvimento das crianças e a seguinte estabilização ao final da adolescência, quando o ID para de apresentar relação com idade.

Outro estudo validou o ID com amostras de crianças de diferentes países e teve os mesmos achados, uma correlação entre idade e o ID significativa com r

variando de .28 ($p < .01$) a .41 ($p < .01$), dependendo da amostra em consideração (Geromini et al., 2014)

Já no estudo 2 houve uma correlação positiva com o subteste dos cubos e uma tendência com relação ao QI total. O teste dos cubos avalia a inteligência fluida, focada na resolução de problemas. Este e o subteste raciocínio matricial compõem o QI de execução. No artigo de Resende, Viglione, Domingos Martins & Yazigi, ao avaliarem o ID comparado a duas amostras de crianças brasileiras de diferentes condições, os autores também aplicaram o teste de Raven, e tentaram a correlação com ID. O teste de Raven mede a inteligência não-verbal geral entre crianças dos 5 aos 11 anos de idade. A avaliação é composta por três conjuntos de 12 itens. Em cada item há vários desenhos que apresentam um padrão, e tem um espaço para um desenho em falta. Usando o raciocínio visual-espacial, o inquirido deve escolher um desenho adicional entre as alternativas de resposta que completariam o padrão" (RESENDE et al., 2017). Assim, esse teste avalia basicamente os mesmos aspectos do subteste cubos, mostrando proximidade entre os achados da pesquisa de Resende e esta. A correlação encontrada entre o ID e o teste de Raven foi grande ($r = 0,83$), enquanto em nossa pesquisa a correlação ao cubos foi pequena ($r = 0,278$), essa diferença de magnitudes pode ser explicada ao retomarmos os dados da introdução sobre o declínio da inteligência fluida nos adultos, já que o teste de raven foi aplicado em crianças de 7 a 11 anos, e cubos foi utilizado na amostra de adultos com mais de 18 anos.

Embora não tenhamos realizado uma comparação formal entre os IDs médios de cada amostra, uma inspeção visual indica que a amostra de adultos produziu uma média de 18,2, enquanto a de jovens foi de 16,8. Esses valores fazem sentido ao pensarmos que o esperado é um desempenho maior quanto mais desenvolvidos, como já dito, com respostas mais complexas dadas por indivíduos mais velhos. O estudo de Geromini et al. encontrou, ao comparar diferentes amostras de diferentes países, que uma delas, a de Milão, produziu o maior ID, e era, entre as amostras comparadas, a com maior média de idade também.

Assim, podem ser consideradas algumas limitações encontradas ao longo desse estudo, a principal sendo relativa aos limites de idade das amostras. Consideramos que teria sido importante delimitar o degrau entre adolescentes e

adultos na idade de 25 anos, baseado nos dados de desenvolvimento trazidos ao longo do trabalho. A inclusão de sujeitos até 18 anos na amostra de jovens, e acima de 18 na de adultos pode ter influenciado os resultados.

Para futuras pesquisas seria interessante avaliar o ID e sua relação com uma bateria completa de testes de inteligência - como os aplicados aqui - comparando duas amostras de faixas etárias diferentes (considerando a maturação cognitiva, como os estudos aqui apresentados) e investigar a relação com inteligência fluida e concreta.

6. CONCLUSÃO

De acordo com os resultados da presente pesquisa foi possível confirmar as hipóteses iniciais, baseadas nos estudos consultados sobre o assunto ((STANFIL et al., 2013; GEROMINI et al., 2014; RESENDE et al., 2017). O ID se correlacionou com a idade cronológica em crianças e jovens, mas não com os adultos. O ID, assim como esperado, também se correlacionou com uma medida de inteligência, avaliada pelo teste dos cubos. Entretanto, as grandezas das relações foram diferentes daquelas encontradas nos estudos originais, provavelmente pelas diferenças entre as amostras, como tamanho e variabilidade de idade.

7. REFERÊNCIAS

AMES, L. B., METRAUX, R. W., RODELL, J. L., & WALKER, R. B. **Child Rorschach responses: Developmental trends from two to ten years**. New York, NY: Brunner/Mazel, (1974).

ARAUJO, Saulo de Freitas. Wilhelm Wundt e a fundação do primeiro centro internacional de formação de psicólogos. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 17, n. 1, p. 09-14, 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 nov. 2022.

BEUS, J. M., & WHITMAN, D. S. The Relationship Between Typical and Maximum Performance: A Meta-Analytic Examination. **Human Performance**, 25(5), p. 355–376, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/08959285.2012.72183>>

CARSTAIRS, K. **From the Comprehensive System to the CS-R**. Youtube, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x2gTntCIQ7I&t=1084s>>. Acesso em 2 nov. 2022.

CHAREK, D. B., MEYER, G. J., MIHURA, J. L., & O’GORMAN, E. T. Correspondence of Maximum and Typical Performance Measures of Cognitive Processing. **Assessment**, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1073191118793531>>

ELY, P.; NUNES, M. F. O.; CARVALHO, L. F. Avaliação psicológica da depressão: levantamento de testes expressivos e autorrelato no Brasil. **Avaliação Psicológica**. vol. 13, núm. 3, pp. 419-426, 2014.

FORMIGA, N. S; MELLO, I. Testes psicológicos e técnicas projetivas: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**. 2000, v. 20, n. 2 [Acessado 21 Outubro 2021] , p. 12-19. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932000000200004>>. Epub 11 Set 2012. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932000000200004>.

GIROMINI, L., VIGLIONE, D. J., BRUSADELLI, E., LANG, M., REESE, J. B., & ZENNARO, A. Cross-Cultural Validation of the Rorschach Developmental Index. **Journal of Personality Assessment**, P. 1 - 6, 2014. DOI: 10.1080/00223891.2014.960927

GRISSE, T. ***Evaluating juveniles' adjudicative competence: A guide for clinical practice***. Sarasota, FL: Professional Resource Press, 2005.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1996

LIMA, Felipe Fernandes et al. Estudo de ampliação da faixa etária para o teste palográfico. **Boletim de Psicologia**, Vol. IXVIII, n 146, pg. 84 - 99, 2017.

MIGUEL, F. K., & SILVA, D. R. **R-PAS - SISTEMA DE AVALIAÇÃO POR PERFORMANCE NO RORSCHACH - MANUAL**. (1 ed). São Paulo, SP: Ed. Hogrefe, 2017.

MONTEIRO, M. C. A. **Testes Projetivos e Testes não Projetivos: A Testoteca ISMT**. Tese (Mestrado em Psicologia) - Instituto Superior Miguel Torga. Coimbra. p. 138. 2015

MOTA, Márcia Elia da. Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 13, n. 2, p. 105-111, dez. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 out. 2022

NASCIMENTO, E. **WAIS-III: Escala de Inteligência Wechsler para Adultos: Adaptação e padronização de uma amostra brasileira**. São Paulo, SP: Ed. C. do Psicólogo, 2005.

NASCIMENTO, R.S.G.F. & SEMER, N. L . **O Sistema Compreensivo de Exner para avaliação da personalidade por meio do método de Rorschach**, in Avaliação Psicológica da Inteligência e da Personalidade. Orgs. Trentini, C; Bandeira, D. R. & Hutz, C. Artmed Porto Alegre: Grupo A Editores, 2018

PIANOWSKI, G. **Aplicação e os processos de elaboração de respostas no Rorschach Performance Assessment System (R-PAS)**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade São Francisco. Itatiba. p. 168. 2017

PINTO, E. R. Conceitos fundamentais dos métodos projetivos. **Âgora**, Rio de Janeiro, v. XVII, n, 1, p. 135 - 155, jan/jun 2014.

PRIMI, Ricardo. Inteligência: Avanços nos Modelos Teóricos e nos Instrumentos de Medida. **Avaliação Psicológica**, n 1, pg. 67 - 77, 2003.

R Core Team (2021). R: A Language and environment for statistical computing. (Version 4.1) [Computer software]. Retrieved from <https://cran.r-project.org>. (R packages retrieved from MRAN snapshot 2022-01-01).

RESENDE, A. R., VIGLIONE, D. J., MARTINS, L. D., & YAZIGI, L. Criterion Validity of the Rorschach Developmental Index With Children. **Journal of Personality Assessment**, P. 1 - 8, 2017. DOI: 10.1080/00223891.2017.1368021

SCHELINI, P. W. Teoria das inteligências fluida e cristalizada: início e evolução. **Estudos de Psicologia** (Natal) [online]. 2006, v. 11, n. 3 [Acessado 27 Outubro 2022] , p. 323-332. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000300010>>. Epub 18 Jul 2007. ISSN 1678-4669. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X200600030001>

SCHIRMANN, J. K., MIRANDA, N. G., GOMES, V.F., ZARTH, E. L.F. FASES DE DESENVOLVIMENTO HUMANO SEGUNDO JEAN PIAGET. **Conedu**, 2019.

SOUZA, M. T. C. C., As Relações entre Afetividade e Inteligência no Desenvolvimento Psicológico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Sao Paulo, Vol. 27 n. 2, p. 249-254, Abr-Jun 2011.

STANFILL , M. L., VIGLIONE, D. J. & RESENDE, A. R. Measuring Psychological Development With the Rorschach. **Journal of Personality Assessment**, P. 174-186, 2013. DOI: 10.1080/00223891.2012.740538

The jamovi project (2022). jamovi. (Version 2.3) [Computer Software]. Retrieved from <https://www.jamovi.org>.

VALENTE, Maria Luísa Louro de Castro. História dos testes psicológicos. **Bol. psicol**, São Paulo , v. 66, n. 144, p. 125-129, jan. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432016000100011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 nov. 2022.

WECHSLER, D. **Wechsler abbreviated scale of intelligence (WASI)**. *San Antonio, TX: The Psychological Corporation*, 1999.